

RELATÓRIO ANUAL PIBIC  
2011

**Aluno: Fernanda Furieri Paes**  
**Orientadora: Ana Maria Rudge**

Nestes seis meses em que participei da pesquisa Constituição da Subjetividade, recalque originário e linguagem foram realizadas atividades que me permitiram o desenvolvimento da minha monografia de final de curso.

Foram efetuadas reuniões semanais onde são lidos os trabalhos individuais de cada participante da pesquisa – tanto de graduação quanto de pós-graduação – são discutidos os diversos temas que giram em torno do tema central da pesquisa, trabalhados conceitos do campo da psicanálise, sugeridas leituras de obras e artigos importantes da área.

Como a maioria dos participantes da pesquisa já tem experiência clínica, são trazidos a cada reunião fragmentos de casos clínicos para serem discutidos, enriquecendo, assim, a teoria estudada. Lembramos que no campo da psicanálise, a produção do saber só é possível a partir da clínica, portanto, a partir da escuta dos casos dos pesquisadores podemos refletir melhor sobre nossa produção teórica.

Em termos individuais, produzi a introdução e dois capítulos de meu trabalho de conclusão de curso, intitulado: **“ESTÁ NO SANGUE”: REPETIÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR A PARTIR DE UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA**, que apresento, resumidamente, a seguir.

**“ESTÁ NO SANGUE”: REPETIÇÃO E HISTÓRIA FAMILIAR A PARTIR DE UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA.**

**Introdução:**

Em Além do princípio do prazer Freud fala de uma compulsão “demoníaca” que seria responsável por conduzir o sujeito a repetir os caminhos que o levam para o sofrimento e para a dor, a saber, a compulsão a repetição. Uma das faces desse fenômeno pode ser observada na compulsão de destino: o sujeito sabe de antemão o que irá lhe ocorrer, e tal como coloca Freud “a pessoa parece vivenciar *passivamente* uma experiência sobre a qual não tem nenhuma influência, só lhe restando experimentar a repetição da mesma fatalidade”[1].

Consideraremos essas construções conceituais para analisar o fenômeno da repetição a partir da transmissão entre gerações.

**Objetivos:**

Este trabalho pretende lançar algumas questões sobre a repetição como um fenômeno que atravessa gerações da mesma família, como uma “compulsão de destino”. Estudaremos aqui o caso clínico de um jovem em que há o temor da repetição do comportamento violento e da drogadição, tanto por parte do adolescente quanto de sua mãe.

Entendemos que a repetição é um fenômeno que encontra base na palavra materna, já que esta constitui o sujeito a partir dos primeiros cuidados. Nesse sentido, qual a possibilidade de um destino diferente, já que a palavra materna profetiza um futuro destruidor? Ou seja, nos questionamos como é possível a partir da teoria

psicanalítica conduzir o sujeito em uma análise que desconstrua essa “maldição materna” e ofereça novas possibilidades de construção de sua história.

### **Metodologia:**

A psicanálise é um campo muito particular, pois seu saber só pode ser construído a partir da clínica, da escuta. A partir daí, articulando com a teoria podemos construir hipóteses, mas nunca um saber absoluto sobre o sujeito. Esse fato nos traz limitações, mas também nos coloca em constante movimento de construção teórica.

Nesse sentido, articularemos aqui a teoria psicanalítica com o fragmento de um caso clínico que ainda está sendo realizado no Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio. A partir das anotações feitas pela psicóloga das sessões do adolescente Marcos (nome fictício) e de entrevistas com sua mãe e parentes, articulando com a teoria psicanalítica, tentaremos construir elaborar uma hipótese sobre a repetição no contexto da história familiar.

Nesse sentido, foram analisados até agora 5 sessões individuais com Marcos, 2 entrevistas com a mãe e 1 entrevista com a avó. Como o trabalho ainda está em andamento, pretendemos ainda entrevistar o pai do adolescente.

Devemos esclarecer que os clientes do Serviço de Psicologia Aplicada da PUC-Rio antes de iniciarem o tratamento são informados sobre a condição de clínica-escola que tem o serviço e assinam uma autorização que possibilita que o material trabalhado durante as sessões sejam utilizados para pesquisa, guardando, evidentemente, o sigilo sobre a identificação do sujeito. Nesse sentido, a pesquisa se enquadra na decisão do Conselho Federal de Psicologia 016/2000 de 20 de dezembro de 2000 artigo 4º : “Os psicólogos pesquisadores, em respeito à autonomia, liberdade e privacidade dos indivíduos, deverão garantir, em suas pesquisas: Que a participação é voluntária; Que os participantes estão informados sobre os objetivos da pesquisa e o uso que será feito das informações coletadas”[2].

### **Conclusões:**

O estudo que apresentamos ainda está sendo realizado, mas a partir do que foi construído até aqui pudemos confirmar algumas hipóteses que nos colocam no caminho de conclusões possíveis.

A repetição da história familiar, que no caso de Marcos promete um futuro onde só há espaço para o pior é sem dúvidas viabilizado pela fala materna. Mas, não se restringe a ela, já que pai repetiu o sintoma de seu próprio pai, avô de Marcos, levando o rapaz a elaborar uma explicação genética: está no sangue.

As explicações genéticas e biológicas fogem ao campo da psicanálise, mas podemos encontrar um sentido para o temor da transmissão “pelo sangue” de Marcos. Esse sentido é pautado pelo conceito de Compulsão a repetição.

Freud elabora o conceito de compulsão a repetição em sua obra Além do princípio do prazer de 1920, chamando atenção para uma compulsão “demoníaca” que seria responsável por conduzir o sujeito a repetir os caminhos que o levam para o sofrimento e para a dor, a saber, a compulsão a repetição.

Essa compulsão pode ser observada em certos sonhos, nos sintomas da neurose traumática, na reação terapêutica negativa e na compulsão de destino. Estando na base do fenômeno da transferência pode ser pensada como o maior impasse ao tratamento psicanalítico e ao mesmo tempo sua condição de possibilidade, constituindo “a área própria para a intervenção psicanalítica” [3] .

Explicar a compulsão a repetição é um desafio para Freud, já que considera que há algo nesse fenômeno que escapa a explicação oferecida pelo Princípio de Prazer, funcionando não em oposição, mas de maneira independente dele. Ela estaria relacionada, portanto, a algo muito mais primitivo nos seres humanos: a pulsão de morte.

A Pulsão de morte é explicada por Freud recorrendo ao paradigma evolucionista. Ele utiliza a embriologia e até mesmo a etologia para desenvolver a idéia de que haveria um tipo de pulsão com tendências conservadoras que impele os seres vivos ao retorno ao seu estado inorgânico, já que o “O inanimado já existia antes do vivo” [1]. Ele inaugura, assim, seu novo dualismo pulsional, estando de um lado a pulsão de morte que tem o objetivo desagregador de alcançar mais rápido possível o fim da vida e do outro Eros, que trabalha pela continuidade da vida.

Rudge [3] chama atenção para o fato de a pulsão de morte ser um conceito que causa um certo mau estar para a psicanálise posterior a Freud, pois não apresenta uma possibilidade de aplicação imediata para a teoria das patologias da neurose. Segundo ela, no entanto, a persistência na utilização desse conceito nas elaborações posteriores de Freud se deve, entre outros fatores, ao desafio que se apresenta para a clínica psicanalítica a existência de quadros como “as neuroses traumáticas e manifestações masoquistas, como a reação terapêutica negativa e os auto-ataques” (p.3). Nesse sentido, Freud aproxima mais uma vez a filogenia da ontogenia, defendendo que as pulsões destrutivas existentes no sujeito seriam derivadas da pulsão de morte originária de todos os seres vivos.

Que forças destrutivas são essas e como elas operam na repetição? Essa questão não foi respondida com a elaboração do conceito de pulsão de morte. Será a partir do se convencionou chamar de segunda tópica do aparelho psíquico, com a construção conceitual das três instâncias psíquicas – isso, eu e supereu - que poderemos relacionar essa compulsão a repetição com as identificações próprias da constituição do sujeito e por esse caminho buscar elaborar uma hipótese sobre o por que a palavra profetizadora da mãe de Marcos, tem efeito de destino para seu filho.

Segundo Rudge, “O supereu (...) Constitui uma ferramenta teórica fundamental sem a qual o entendimento da operação da pulsão de morte na experiência psicanalítica, assim como seu manejo, não se torna possível.” [3] Nesse sentido, com elaboração freudiana da existência de uma instância controladora e julgadora, que se forma a partir da identificação nas primeiras relações do infante com o campo social é possível entender a pulsão de morte como relacionada a história de cada sujeito.

O supereu, instância controladora e culpabilizadora do aparelho psíquico, tal como nos apresenta Freud é formado pelas identificações mais arcaicas, aquelas construídas pelo sujeito em seu desamparo fundamental. Tal como coloca Rudge: o ser humano é pré maturo ao nascer, dependendo dos cuidados do outro para que sobreviva, esse outro, um ser falante que insere o bebê no mundo da linguagem, logo “o supereu, que se erige a partir das impressões dessa época, sobretudo das palavras ouvidas”.

Assim, podemos entender que explicações genéticas e biológicas fogem ao campo da psicanálise, mas podemos encontrar um sentido para o temor da transmissão “pelo sangue” de Marcos. Esse sentido é pautado pelo conceito de identificação, tal como coloca Rudge: “O papel das identificações na constituição do sujeito humano, em especial a mais arcaica e básica delas que dá origem ao supereu, é condição de possibilidade fundamental para a operação de uma repetição nos caminhos da dor como a que podemos encontrar no homem”[3]

Nesse sentido, as identificações com as duas principais imagens parentais jogam esse jovem em um “beco sem saída”: O fantasma da violência paterna se mescla a mitos familiares contados pela mãe que prevêem uma “maldição” para os homens de sua família. Desconstruir essa identificação e permitir a construção de uma demanda para além do desejo materno [4] tem sido um desafio nessa relação analítica.

**Referências:**

[1] FREUD, S (1920). *Além do princípio do prazer*. Trad. Sob a direção de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Escritos sobre a psicologia do inconsciente, volume II).

[2] Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/res16cfp.htm>

[3] RUDGE, Ana Maria. Pulsão de morte como efeito de supereu. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. IX, n. 1, 79-89, 2006

[4] ALBERTI, Sônia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.